

DA HISTÓRIA SERIADA OU ESTATÍSTICA À HISTÓRIA FREQUENCIAL OU ESTRUTURAL: O CASO DO BRASIL

Frédéric Mauro*

No Seminário de Paris¹ que o Instituto de Altos Estudos da América Latina realizou em outubro de 1971 conseguiu-se definir a situação em que se encontram as pesquisas de história quantitativa do Brasil. O período escolhido abrangeu o século XIX e parte do século XX (1800/1930). Na realidade, palestras e discussões estenderam-se amplamente sobre os séculos XVIII e XX. Poderíamos falar de dois séculos no mínimo (1750/1950), por ser difícil, em história econômica, cingirmo-nos a limites muito estreitos: oscilações a curto prazo devem ser substituídas pelos movimentos de longa duração, estes pelos seculares, os quais, por sua vez, devem ceder lugar aos de prazo mais amplo; as modificações estruturais ligadas a “prazo longo” só se fazem lentamente e exigem, para serem analisadas em profundidade, comparações, não apenas no espaço, mas também no tempo.²

A propósito daquele Seminário, falou-se muito em *história seriada*.

* Da Universidade de Paris.

¹ Simpósio Internacional do CNRS sobre a história quantitativa do Brasil 1800-1930. Responsável. Frédéric Mauro, da Universidade de Paris X — Nanterre. As *Atas* serão publicadas no corrente ano de 1972.

² A terminologia usada aqui é a de Ernest Labrousse. *La crise de l'économie française à la fin de l'Ancien Régime et au début de la Révolution*. Paris, 1943. Especialmente a introdução e o glossário. A expressão *longa duração* é de Fernand Braudel.

A expressão, lançada há alguns anos pelos franceses, ganhou notoriedade.³ Na França, tende a substituir o conceito mais antigo de história estatística, aplicado à obra de François Simiand, de Ernest Labrousse e de todos os que, seguindo as diretrizes do *Centro Internacional de História dos Preços*, realizaram, nos idos de 1930, os alentados trabalhos que conhecemos. Poderíamos dizer que a história seriada é a generalização e sistematização da história estatística, com aplicação a todos os domínios e não somente ao da história econômica.

A história seriada opõe-se, na realidade, ao que chamaríamos de *história pontual*, ou seja, a que faziam os historiadores economistas do século XIX e que se encontra ainda freqüentemente no século XX. Trata-se de uma história antes descritiva e institucional, mas que se pode tornar estrutural e quantitativa, sem utilizar, entretanto, a série estatística; limita-se a dados isolados que servem como pontos de referência. Deixando de lado os trabalhos mediocres ou desatualizados, podemos citar excelentes obras de história econômica brasileira que fazem esta história econômica pontual. É o caso das famosas *Épocas do Portugal econômico*, de Lúcio de Azevedo: livro de história portuguesa, mas também brasileira, tão amplo — e com justiça — é o lugar que nela ocupa o Brasil. Este livro não deixa de citar cifras e, às vezes, apresenta tabelas estatísticas. Em compensação, não dispondo de qualquer trabalho estatístico importante que interessasse ao assunto tratado, o autor não teve dúvidas em basear sua análise em séries, mesmo discutíveis. Por exemplo, a série do abade de Baça sobre os preços no distrito de Bragança era portuguesa, mas não interessava à matéria em seu todo e, muito menos ao Brasil. Maior e também de melhor qualidade é a obra de Caio Prado Júnior. É a aplicação de uma problemática marxista inteligente (nem todas o são) à história econômica brasileira. A fonte de Caio Prado Júnior são as narrações e memórias escritas pelos viajantes, administradores e eruditos dos séculos XVIII e XIX, em particular na *Formação do Brasil contemporâneo*, o seu livro de maior êxito. Por exemplo, na página 52 dá a cifra de 500 mil habitantes para a capitania de Mato Grosso, de acordo com o quadro do governador Caetano Pinto, *População da Capitania de Mato Grosso em 1800*. Na página 53, afirma que em 1804 a capitania de Goiás tinha pouco mais de 50 mil habitantes, dos quais 36 mil na comarca do sul. Sobre este ponto, utiliza, de Luiz Antônio da Silva e Souza, a *Memória sobre a capitania de Goiás*. Poderíamos citar diversas outras passagens do livro, elaboradas da mesma forma. Esta utilização de dados quantitativos fracionados não deve ser desprezada ou negligenciada. Ela é, muitas vezes, a única possível para o período pré-estatístico ou quando a pesquisa quantitativa não pôde fornecer instrumentos substanciais de análise. O que seria crítico — e isto se fez algumas vezes — seria a utilização abusiva de cifras pouco numerosas e pobres: por exemplo, deduzir elevação ou queda de preços, comparando dois anos distantes, sem saber como os preços se comportaram entre ambos.

³ Fernand Braudel e nós mesmos a temos empregado, quase simultaneamente, em críticas dos primeiros volumes de Huguette e Pierre Chaunu. *Seville e l'Atlantique*, 1504-1650. Fernand Braudel em *Annales E.S.C.* e nós no *Journal of Interamerican Studies*. Pierre Chaunu opôs esta história seriada à história quantitativa de Marczewsky, J., *Introduction à l'histoire quantitative*. Droz, Genebra.

Em síntese, a história *pontual* de Caio Prado Júnior ou de Lúcio de Azevedo não está muito longe da empreitada global a que se lançaram Fernand Braudel e Pierre Chaunu.⁴ Este chegou a tentar uma análise semelhante sobre o Brasil, em reunião recente.⁵ Era preciso utilizar todos os dados possíveis, inclusive os elementos, quase imutáveis na escala histórica da geografia física, para se chegar à visão quantitativa menos imprecisa possível de um problema humano ou de uma comunidade humana em determinado período. A comparação deve desempenhar aqui papel importante. Facilita a apreciação das grandezas, em geral pouco conhecidas. Quando Pierre Chaunu assinala uma progressão geométrica entre as distâncias e, por conseguinte, os problemas das três extensões marítimas a que pertence a nossa civilização ocidental — Mediterrâneo, Atlântico e Pacífico — encontra-se na trilha deste tipo de empreitada global.

Historicamente, a história seriada opôs-se à história quantitativa de Jean Marczewski. Esta não teria sido possível senão para a época estatística. Para a época pós e pré-estatística, a elaboração de uma contabilidade nacional ou regional retrospectiva — definição da história *quantitativa* no sentido estrito da palavra — seria impossível ou artificial. A história seriada, isto é, a confecção de séries estatísticas indicativas da conjuntura, seria a única realizável. É verdade que a história quantitativa procede de forma *regressiva*: retorna progressivamente no tempo. Esperamos que as épocas para as quais é preciso construir estatísticas sejam pouco a pouco utilizadas pela pesquisa. Aliás, o autor destas notas dirige atualmente um centro de história quantitativa que se liga à Normandia do Antigo Regime. Não é a própria história pontual, em si mesma, a primeira tentativa de um modelo e, portanto, de uma contabilidade?

De fato, ao invés de opor história seriada à história quantitativa, seria talvez mais interessante distinguir certas formas de utilizar as séries estatísticas, pois, de qualquer modo, todas as nossas pesquisas no terreno além da história pontual resumem-se no manejo de variáveis representadas por séries. Poderíamos, assim, definir várias histórias.

Chamaríamos à primeira de *história conjuntural*. É ela que constrói as séries estatísticas com muito cuidado, mas não as utiliza senão como indicadores da conjuntura, a curto e a longo prazo. Em tal história o que conta é a passagem de uma fase *A* ou *a* a outra *B* ou *b*, é a intensidade de variação, seus efeitos sobre a vida social e política. Henri Hauser, colocando-se neste ponto de vista, pôde afirmar que a flutuação a curto prazo era, para o historiador, mais importante que a variação a longo prazo.⁶ Evidentemente, estamos longe da história econômica tal como a fazemos atualmente. Mas esta primeira etapa era importante. Infelizmente temos poucos exemplos para o Brasil: apenas algumas páginas sobre o assunto encontram-se na *História econômica do Brasil*, de Roberto Simonsen, em nosso livro sobre

⁴ Braudel, Fernand, *Capitalisme et vie matérielle*. Séculos XV e XVIII. Paris, Colin. (Destins du Monde).

⁵ Comunicação no Simpósio Luso-Brasileiro da Universidade de Moçambique, Lourenço Marques, jul. 1970. *Actes*, a publicar. A comunicação foi reproduzida pela *Revue d'Histoire Economique et Sociale*, 1971.

⁶ Hauser, Henri, *Lex Prix de la Mercuriale de Paris*. Introdução. Publicações do Comité International d'Histoire des Prix.

Portugal e o Atlântico, na volumosa obra de Olivier Onody sobre a inflação brasileira, sem citar alguns artigos esparsos. Poderíamos dizer também que, de certa forma, tudo o que se escreveu sobre os ciclos da economia brasileira apoiado nas séries de produção do gênero dominante (açúcar, ouro, café e ainda cacau ou borracha para os ciclos regionais) é do domínio da história conjuntural.

Numa segunda etapa, os historiadores chegaram ao que convencionaríamos denominar *história correlativa*. Trata-se aqui de pôr em correlação duas ou três variáveis econômicas fundamentais representadas por séries contínuas. Pensamos em François Simiand pondo os salários em correlação com a produção de ouro⁷, em Earl Hamilton fazendo o mesmo com os preços⁸ e em Ernest Labrousse ligando preços, produção e renda.⁹ A aplicação da fórmula de Fisher ou sua verificação pertencem ainda a esse tipo de história, já que esta fórmula liga preços, produção comercializada em massa à moeda e seus substitutos. É o que para o Brasil fez H. B. Johnson quando estudou moeda e preços no Rio de Janeiro entre 1760 e 1820; demonstra que havia no Rio, simultaneamente,¹⁰ uma economia de subsistência e uma de mercado. Da mesma forma, quando Cecília Westphalen relacionou a conjuntura do porto de Paranaguá com a do rio da Prata, escreveu uma história *correlativa*.¹¹

Complicando um pouco a história seriada correlativa, chegamos à história que ousaríamos chamar de *modelar*, isto é, que tenta construir modelos utilizando diversas variáveis e as séries correspondentes. Em última instância, a fórmula de Fisher e, mesmo, a simples correlação constituem modelos. Mas, podemos dizer que só há modelo, verdadeiramente, quando existe correlação parcial ou múltipla e possibilidade de análise fatorial. Tais modelos podem ter caráter parcial ou global. O *modelo parcial* tornou-se célebre pelo uso que dele fizeram nos Estados Unidos, os adeptos da *Nova História Econômica*, procurando, assim, resolver um problema particular da história econômica e, de certo modo, limitando-se a um setor dessa história (a grande plantação *escravocrata*, as estradas de ferro, a indústria metalúrgica). No Brasil, existem tentativas no gênero, por exemplo, no que se refere à problemática da inflação, embora os seus autores não cheguem, como os técnicos americanos, até a *suposição* (que haveria acontecido se? . . .). As teorias de Denis Lambert, de Mircea Buescu e de Werner Baer já constituem ensaios nesse sentido.¹² O livro de Stanley Stein sobre a indústria do algodão não está longe disto, nem o de Werner Baer, sobre a indústria do aço.¹³ E, infeliz-

7 Simiand, François. *Le Salaire, l'évolution sociale e la monnaie*. Paris. Alcan (esgotado).

8 Hamilton, Earl J. *American treasure and price revolution in Spain*. Harvard University Press.

9 Ernest Labrousse. op. cit.

10 Compare-se sua comunicação ao Simpósio de Paris.

11 Idem.

12 Lambert, Denis. *Les inflations sud-américaines*. Paris, IHEAL. Buescu, Mircea. *Monetarisme et structuralisme*. Atas do Simpósio, a publicar. Baer, Werner. *Industrialization and economic development in Brazil*. Yale, 1965.

13 Stein, Stanley. *The brazilian cotton manufacture*. Harvard University Press, 1957. Baer, Werner. *The brazilian steel industry*. Vanderbilt University Press, 1971.

mente, ainda não existe estudo deste tipo no nível da microeconomia de empresa: mas não é impossível realizá-lo, ao menos para a época contemporânea. Para a época colonial, nossas pesquisas sobre o engenho de açúcar podem melhorar, porém o modelo continuará bastante precário.

O *modelo global* já foi tentado pelo Brasil. As explicações sobre a inflação, desde que elas tratam de um problema macroeconômico e interessam ao conjunto da vida econômica, podem ser consideradas como modelos globais. A eles podem-se juntar as teorias de Celso Furtado e as de Werner Baer, assim como as dos técnicos brasileiros da Fundação Getúlio Vargas. Celso Furtado apresenta dois modelos. Em sua *Formação econômica do Brasil* propõe um conjunto de hipóteses a verificar ou que ele mesmo já verificou, sobretudo para a época estatística. Em obras mais recentes desenvolveu, com base em séries estatísticas, a teoria das indústrias substitutivas de importações. Werner Baer, em sua *Industrialização e desenvolvimento econômico do Brasil*, mostra, não só o papel benéfico da inflação moderada e o papel nefasto da hiperinflação, como apresenta ainda um modelo global da industrialização do Brasil após a crise de 1930. Além disso, com Anibal Vilela, ele corrige e completa o modelo de Furtado sobre as indústrias substitutivas de importações.

Finalmente, após a história conjuntural, correlativa, modelar (parcial ou global), temos, ou ao lado delas podemos colocar, a *história contábil*. Esta é a *história quantitativa*, no sentido de Jean Marczewski. Permite a construção de modelos, mas é anterior àqueles, à disposição dos quais põe um verdadeiro banco de dados verificados e mutuamente controlados. É esta que Mircea Buescu propôs fazer para o Brasil desde a época colonial.¹⁴ É esta a história que a Fundação Getúlio Vargas realiza para o século XX. É, finalmente, para ela que contribui a maioria dos trabalhos apresentados no Simpósio de História Quantitativa do Brasil. Em uma fase pouco avançada da pesquisa quantitativa, é nela que se deve pensar com prioridade, seja nas pesquisas dos historiadores, seja nas classificações dos arquivistas.

Limitamo-nos, até aqui, à história econômica. Sabemos, contudo, que os métodos seriados são indispensáveis na história demográfica e social e que eles se tornam comuns no domínio da história religiosa e cultural. A assistência às representações teatrais ou a frequência aos ritos sagrados são estudadas da mesma forma que a natalidade ou a porcentagem dos indivíduos que vivem de renda em determinada sociedade. Infelizmente, no que diz respeito ao Brasil, a história cultural religiosa quantitativa, salvo para um período bem recente, está atrasada em relação à história demográfica e social. História demográfica que já fora iniciada pelos trabalhos de Maria Luiza Marcílio em São Paulo e de outros, pouco depois, em Curitiba, Rio e Bahia.¹⁵

No Seminário de Paris, falamos também de *história frequencial*. Trata-se da aplicação à história dos métodos quantitativos adaptados pelos lingüistas ao uso dos especialistas em literatura. Os textos literários são analisados em seu conteúdo e em sua forma. O conteúdo, que exprime a influência

¹⁴ Compare-se sua comunicação no Simpósio de Paris, *Pour une Histoire Quantitative du Brésil depuis l'époque coloniale*.

¹⁵ Comparem-se as comunicações de Altiva Pilhatti Balhana sobre Curitiba, Yedda Linhares e Barbara Levy sobre o Rio, e Katia de Queiroz Mattoso e Johildo de Athayde sobre Salvador.

da sociedade sobre o autor, pode ser estudado do ponto de vista lexicológico ou semântico. No primeiro caso, classificam-se as palavras de mesma ortografia, desprezam-se aquelas de papel puramente gramatical e não se leva em conta, na classificação, o sentido real das palavras. No segundo caso, considera-se, na classificação, o sentido das palavras e, muitas vezes, o seu contexto.

A forma é objeto de estatísticas: analisa-se o lugar das palavras na proposição e das proposições na frase. Estudam-se as palavras pela sua natureza gramatical: a frequência relativa dos verbos, advérbios, pronomes, sujeitos aparentes, posições, atributos, auxiliares, tem grande importância. Em princípio, a forma ensina mais sobre o temperamento ou o caráter do autor, sua personalidade, que sobre o conteúdo social. Ela é, portanto, mais do domínio da crítica literária, isto é, daquilo cuja função é a estética aplicada.

Um exemplo deste tipo de pesquisa literária quantitativa no Brasil é o livro de Afonso Romano de Santana sobre Drummond, *o gauche no tempo*. Trata-se de volumosa obra que exigiu do seu autor cinco anos de trabalho e a utilização dos computadores IBM 7044/1401 e IBM 1130 da PUC do Rio de Janeiro.

Seu editor assim se manifesta:

“Metodologicamente o autor se aplicou em mostrar que a obra de Carlos Drummond de Andrade não é um bazar onde os temas se amontoam. Tópicos como *provincia, família, terra, ironia, destruição, repetição, cromatismo, máquina do mundo* e outros foram postos em correlação a partir de uma única coordenada: o tempo. Instituiu-se, a seguir, o personagem *gauche* articulando-se no tempo e no espaço. A análise mostra como o *gauche* se comporta no *theatrum mundi* através de três atos: *Eu maior que o mundo, Eu menor que o mundo, Eu igual ao mundo*. Na descrição desse drama canhestro encaixam-se as tabelas que comprovam quantitativamente as hipóteses lançadas no estudo . . .”¹⁶

A grande moda da historiografia francesa atual é a aplicação desses métodos aos textos de muito valor documental para o historiador. Com eles podem-se estudar as opiniões e as mentalidades. O estudo do vocabulário lexicológico ou semântico pode, para os estudos de imprensa, completar o cálculo e áreas consagradas a tal ou qual tipo de assuntos. Pode proporcionar a análise da consciência coletiva de que participam os atores políticos ou econômicos. Revela os postulados, as evidências implícitas desta consciência. Portanto, é também análise da mentalidade. No mundo luso-brasileiro foi a este tipo de trabalho que se consagrou Joaquim Barradas de Carvalho a propósito de Duarte Pacheco Pereira.¹⁷ O mesmo acontece com Daniel Teyseire em relação aos panfletos e à correspondência administrativa, redigidos quando da Revolução dos Alfaiates, na Bahia, em 1798.¹⁵

A estilística deve ser excluída das preocupações dos historiadores? Sim, se pensarmos que “o estilo é o homem” e que o historiador se interessa mais

¹⁶ Resumo divulgado entre compradores.

¹⁷ Joaquim Barradas de Carvalho.

¹⁵ Tese de terceiro ciclo em preparação na Universidade de Paris IV sob a direção de A. Dupont. Ver a comunicação de D. Teyseire no Simpósio de Paris.

por grupos que pelos indivíduos. Não, se julgarmos que os indivíduos têm também sua importância na história e que, por outro lado, existem temperamentos ou caracteres correspondentes a grupos. Jean Roche, comparando os discursos dos candidatos à presidência da República Francesa, nota que os de esquerda usam frases mais longas e fazem maior emprego dos advérbios.¹⁹ Seria interessante, mesmo do ponto de vista estilístico, comparar os discursos de Getúlio Vargas, João Goulart, Jânio Quadros e Castelo Branco. As diferenças entre as conclusões que daí se tirariam e as obtidas por Jean Roche revelariam, talvez, diferenças entre o sistema político francês e o brasileiro.

Os documentos históricos que submetemos ao método freqüencial são até agora *textos* no sentido mais amplo da palavra. Sem que nenhum deles tenha valor literário, foram no entanto redigidos e, portanto, pensados, em última instância, por alguém que os construiu sobre suas idéias e conhecimentos ou que adaptou um material já meio elaborado por outros. Além disso, tais textos têm, cada um, sua personalidade. Não está em sua natureza se repetirem e, se o fazem, é para produzirem efeito particular ou porque a redação de um se inspira na de outro, como no caso dos relatórios anuais das diversas autoridades administrativas, públicas ou privadas. Nisso se distinguem dos formulários, idênticos através dos tempos, mas onde as respostas variam de uma campanha de informação para a seguinte, ou de um exemplar para o outro. A que método se liga a utilização destes últimos?

O método reduz-se, freqüentemente, ao de tipo seriado, visto que os documentos fornecem informações quantitativas. Por exemplo, a exploração dos registros das despesas da Misericórdia da Bahia para daí tirar os preços levou à constituição das séries.²⁰ A utilização de atas registradas em cartórios para descobrir os preços das horas de trabalho dos aprendizes, graças aos contratos de aprendizagem, ou o preço do alqueire de terra, pertence, também, ao campo do método seriado. Destarte, os arquivos fiscais e, dos cartórios, assim como os municipais e paroquiais, associam-se, finalmente, em grande parte, à história seriada. Aliás, na estatística tradicional o estudo da freqüência já ocupa certa posição. Ao lado da *média* e da *mediana* utiliza-se a *moda*, isto é, o valor da variável afetada pela mais alta freqüência. Em certas estatísticas é esta moda que se poderá escolher como valor representativo de um ano ou de um mês.

Existem também documentos ricos de informações variadas e qualitativas em cuja redação apenas se utilizam e se completam fórmulas preparadas com antecedência. É o caso dos arquivos judiciários. Naturalmente deixaremos cair as *fórmulas*, isto é, os quadros preparados com antecipação, e nos esforcemos em estudar o conteúdo destes. Examinando, assim, muitos processos e aplicando-lhes o método freqüencial da análise semântica ou estatística, poderemos obter certo número de caracteres. Isto será mais fácil por meio da comparação no espaço e também no tempo. Tomando uma amostra de todo um período de dez anos, chegaremos a fazer, simultaneamente, uma história freqüencial e uma história seriada.

¹⁹ Roche, Jean. Les discours des candidates à la Présidence de la République. Toulouse, Ed. Privat, 1971.

²⁰ Ver as comunicações de Katia de Queiroz Mattoso no Simpósio de Paris — e o livro que publicará na EPHE de Paris.

Isto é possível no domínio da história econômica? Sim, se utilizamos, por exemplo, documentos de caráter econômico, tais como processos de direito comercial ou de direito imobiliário, de direito fundiário urbano ou de direito rural. Parece possível calcular a evolução ao mesmo tempo dos problemas, das respostas que lhes foram dadas, das opiniões, das mentalidades, da conjuntura, ou até dos acontecimentos que podem explicar tal evolução. Ter-se-á, assim, uma história freqüencial integrada na história seriada.

Em outros casos é possível ter o inverso: uma história seriada integrada na história freqüencial. Por exemplo, seria interessante estudar a freqüência de certas variáveis ou de alguns tipos de variação, de certas correlações ou de alguns modelos.

Toda esta econometria retrospectiva, toda esta matemática histórica deve ser considerada, não como fins em si, mas como instrumentos a serviço da explicação científica do passado. Instrumentos que não se concebem sem alguns equipamentos modernos: a máquina de calcular, a mecanografia, o computador. Entretanto uns e outros são apenas meios, em última análise, não indispensáveis. Essencial é o esforço do historiador para analisar a realidade passada e ver em que difere da presente. A cifra não faz, senão, precisar e fortificar, às vezes sugerir, o pensamento. A conceituação sozinha é, muitas vezes, gratuita e, cientificamente, superficial. A quantificação isolada é inútil.

Aí está toda a dificuldade de ser ao mesmo tempo historiador e historiador economista.